

 <p>ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN FAMECOS</p>	<h1>REVISTA FAMECOS</h1> <p>mídia, cultura e tecnologia</p> <p>Revista FAMECOS, Porto Alegre, v. 30, p. 1-5, jan.-dez. 2023 e-ISSN: 1980-3729 ISSN-L: 1415-0549</p>
<p>https://dx.doi.org/10.15448/1980-3729.2023.1.43476</p>	

RESENHA

Cosmotécnicas para sair da crise contemporânea

Cosmotecnics how to come off the contemporary crisis

Cosmotecnicas para salir de la crisis contemporánea

Jadson Maia¹

[0000-0003-0148-3975](https://orcid.org/0000-0003-0148-3975)

jadson.maia.08g@ufrn.edu.br

**Luzia Cristina Lopes
Almeida²**

[0000-0001-7787-6471](https://orcid.org/0000-0001-7787-6471)

cristinaalmeida@ufrn.edu.br

Recebido em: 4 jul. 2022.

Aprovado em: 12 jan. 2023.

Publicado em: 25. ago 2023

Resumo: Resenha do livro *Tecnodiversidade* (2020), de Yuk Hui. A obra apresenta os conceitos de *tecnodiversidade* e *cosmotécnica* que forjam saídas para a crise simultaneamente ecológica, política e social cristalizada hoje. A partir deles, a tecnologia como uma ideia universal é rejeitada. O intuito é desvelar que nenhuma tecnologia é neutra, mas sim intrinsecamente política, já que carrega consigo pressupostos epistemológicos e ontológicos que submete seus usuários. Em última instância, a crítica decolonial visa fomentar localmente a investigação de uma gama variada de tecnologias, que foram sendo retiradas de circulação pela universalização da técnica, imposta unilateralmente pelo Ocidente a um grande número de territórios com a modernidade e a globalização. Yuk Hui oferece às tecnologias modernas um novo marco filosófico, que enxerga na diversidade um futuro plural, inclusivo e diverso.

Palavras-chave: tecnodiversidade; cosmotécnica; tecnologia; descolonização; Yuk Hui.

Abstract: Review of the book *Technodiversity* (2020), by Yuk Hui. The work presents the concepts of *technodiversity* and *cosmotecnics* that forge ways out of the simultaneously ecological, political and social crisis crystallized today. From them, technology as a universal idea is rejected. The aim is to reveal that no technology is neutral, but intrinsically political, since it carries with it epistemological and ontological assumptions that submit its users. Ultimately, the decolonial critique aims to foster locally the investigation of a wide range of technologies that were being withdrawn from circulation by the universalization of technique, unilaterally imposed by the West on a large number of territories with modernity and globalization. Yuk Hui offers modern technologies a new philosophical framework, which sees in diversity a plural, inclusive and diverse future.

Keywords: technodiversity; cosmotecnics; technology; decolonization; Yuk Hui.

Resumen: Reseña del libro *Tecnodiversidad* (2020), de Yuk Hui. El trabajo presenta los conceptos de *tecnodiversidad* y *cosmotecnica* que forjan soluciones a la crisis a la vez ecológica, política y social cristalizada en la actualidad. Desde ellos se rechaza la tecnología como idea universal. El objetivo es revelar que ninguna tecnología es neutra, sino intrinsecamente política, ya que lleva consigo supuestos epistemológicos y ontológicos que someten a sus usuarios. En definitiva, la crítica decolonial pretende incentivar localmente la investigación de una amplia gama de tecnologías, que fueron retiradas de circulación por la universalización de la técnica, impuesta unilateralmente por Occidente en un gran número de territorios con la modernidad y la globalización. Yuk Hui ofrece a las tecnologías modernas un nuevo marco filosófico, que ve en la diversidad un futuro plural, inclusivo y diverso.

Palabras clave: tecnodiversidad; cosmotecnica; tecnología; descolonización; Yuk Hui.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Yuk Hui nasceu na China e leciona atualmente na Universidade da Cidade de Hong Kong. Seus estudos sobre tecnologia e cultura transitam

¹ Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

² Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil.

entre o Oriente e o Ocidente, reunindo filosofia e engenharia da computação. *Tecnodiversidade* (2020), primeiro livro do autor traduzido para o Brasil, apresenta seu vigor filosófico que não perde de vista a tecnologia como elemento estruturante da vida contemporânea. A obra traz no título a noção original que Hui vem desenvolvendo desde sua segunda monografia *The Question Concerning Technology in China: An Essay in Cosmotecnics* (A questão da técnica na China: Um ensaio sobre a cosmotécnica), de 2016.

O protagonismo na argumentação é dos conceitos "tecnodiversidade" e "cosmotécnica", que trazem saídas possíveis para a crise ecológica, política e social cristalizada hoje. Juntos, eles pregam a reapreensão de uma multiplicidade de tecnologias locais que foi sendo sufocada ao longo dos séculos. A pretensão de Hui pode ser grande, mas as noções encampam juntas uma perspectiva decolonial que rejeita a tecnologia como uma ideia única e universal, isto é, de que apenas a tecnologia capturada pelos expedientes econômicos e políticos ocidentais seja possível. Ao contrário, ele defende a tarefa de investigar localmente uma gama variada de tecnologias que foram sendo retiradas de circulação pela universalização da técnica, imposta unilateralmente pelo Ocidente com a modernidade e a globalização. Dito de outro modo, nenhuma tecnologia é neutra, mas sim intrinsecamente política. Ela carrega consigo pressupostos epistemológicos e ontológicos que submete e governa seus usuários. A tecnologia, portanto, foi tão indispensável para a lógica colonial quanto é para o regime econômico e político atual.

A obra tem sete capítulos "Cosmotécnica como cosmopolítica", "Sobre a consciência infeliz dos reacionários", "O que vem depois do fim do Iluminismo?", "Máquina e ecologia", "Variedade da experiência da arte", "Sobre os limites da inteligência artificial" e, por último, "Cem anos de crise". O primeiro capítulo reflete sobre as diferenças fundamentais entre a sua teoria batizada de cosmopolítica e o cosmopolitismo, pensado por Immanuel Kant ainda no século XVIII. O filósofo chinês destaca que é preciso superar a geopo-

lítica calcada no revezamento de potências no domínio político e econômico do globo, enquanto a própria Terra vem sendo escrutinada e conformada em um "imenso sistema tecnológico" para sair da presente crise que cobriu de névoa o futuro. Para se afastar das lentes kantianas de universalismo, apenas uma "virada ontológica", definida por Philippe Descola, Eduardo Viveiros de Castro e Bruno Latour, poderia ser "uma resposta direta à crise da modernidade que [...] se expressa em termos de uma crise ecológica que, agora, está intimamente ligada ao Antropoceno", afirma Hui (2020, p. 33).

O naturalismo persistente no pensamento moderno, que opõe natureza à cultura e coloca a primeira frequentemente em relação de inferioridade, deve assim ceder lugar ao pluralismo ontológico, que reconhece finalmente os não humanos (animais, plantas, minerais, espíritos). Todavia, há um limite nesta abordagem, ela não discute suficientemente a questão da técnica e da tecnologia. Convencido de que toda técnica leva em si uma política, Hui diz que a cosmotécnica torna possível uma cosmopolítica. Desse modo, "cosmopolítica é a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos e de obras de arte. Não há apenas uma ou duas técnicas, mas muitas cosmotécnicas", define Hui (2020, p. 39). Para exemplificar, ele cita seu estudo genealógico sobre o pensamento cosmotécnico chinês, mencionado no primeiro parágrafo desta resenha, cujo açougueiro Pao Ding une de forma primorosa os princípios *chi* (ferramenta, tecnologia) e *Tao* (ordem cósmica e metafísica, algo que flui por si mesmo) no seu trabalho de cortar as vacas. "Pao Ding conclui que um bom açougueiro não confia nos objetos técnicos que estão à disposição, mas no *tao*, já que o *tao* é mais essencial do que o *chi* [...]" e adiante Hui (2020, p. 44) finaliza "Quando se vê diante de uma dificuldade, Pao Ding detém a faca e tateia em busca do lugar certo para que possa avançar". A tarefa de redescobrir o pensamento local tecnológico, soterrado pela marcha ocidental e moderna sem trégua, não é exclusivamente chinesa, mas de todas as outras

culturas não europeias.

Na segunda parte, "Sobre a consciência infeliz dos neorreacionários", o pensamento do reacionarismo atual é perfilado para ilustrar o tamanho da crise das democracias ocidentais. O autor se utiliza da ideia hegeliana de "consciência infeliz" para descrever o "momento trágico em que a consciência percebe a contradição no âmago de sua natureza até então despreocupada ou mesmo cômica" (HUI, 2020, p. 51), que se abate sob os expoentes da ultradireita. Assim, para o neorreacionarismo atual, o Iluminismo e a democracia são tidos como "um Outro alienado do eu", responsáveis pela fragilidade do Ocidente frente aos seus adversários políticos. Então, do bilionário estadunidense Peter Thiel ao cientista da computação e empreendedor do Vale do Silício Mensius Moldburg, passando pelo filósofo britânico Nick Land, fica evidente a completa descrença de que os valores iluministas e a própria ideia de democracia possam responder às questões do presente. Esta desconfiança é logo seduzida pelo sinofuturismo, que prega a "utopia tecnocomercial despolitizada" da Ásia Oriental, para a prosperidade econômica sem a necessidade de mediação da política e da sociedade. A transformação radical deve ser implementada de cima para baixo, segundo a *alt-right*. Segundo o movimento, Xangai, Hong Kong e Cingapura apresentam uma economia pungente, porque diferentemente dos EUA e de outros países ocidentais e democráticos, souberam pôr fim aos "caprichos da política". Para apontar a saída, Hui torce a noção de "derretimento" de Land para reafirmar que há uma face positiva e esperançosa no atual contexto. A forte desestabilização econômica e tecnológica que enfrentamos pode levar a um futuro respeitoso, inclusivo e diverso, que favoreça ao florescimento de epistemes diferentes e da singularidade a partir da tecnologia. A reflexão filosófica é parte inegociável desta revolução.

Em "O que vem depois do fim do Iluminismo?" há uma reavaliação do projeto iluminista através da crítica da relação entre tecnologia e colonialismo. Hui procura dar respostas às questões do

artigo "Como o Iluminismo chega ao fim", de 2018, escrito por Henry Kissinger, diplomata ex-secretário do governo estadunidense. Ao longo desta parte, Hui tensiona duas perspectivas sobre o Iluminismo. Em uma aponta que o Iluminismo reconheceu a diversidade cultural, noutra que a tecnologia moderna é a continuidade de seu projeto político universalizante e ocupa hoje o *status* de sua filosofia-guia. Na primeira visão, justifica que Voltaire, um dos fundadores das luzes, reconheceu a pertinência de outras culturas quando elogiou a China e seu imperador. Além disso, os eventos políticos toscos que testemunhamos, como a vitória de Donald Trump, eleito presidente dos EUA em 2016, não são suficientes para assinalar sua derrocada definitiva. Já na perspectiva crítica ao Iluminismo, o filósofo assegura que ele não acabou, já que a hiperaceleração tecnológica atual não representa uma ruptura, mas sim a continuação da mesma política de subordinação de diversas localidades à sincronização simultaneamente temporal, cultural e econômica. O caminho seria apostar em um "novo referencial" e "reapropriar-se da tecnologia por meio de uma reflexão sistemática e da abordagem da questão das epistemologias e das epistemes à luz das múltiplas cosmotécnicas", pontua Hui (2020, p. 88), acerca do poder transformativo da heterogeneidade e as bifurcações de futuro que ela pode oferecer.

O quarto capítulo "Máquina e ecologia" discute a relação entre máquina e ecologia, termos que, ao menos aparentemente, estão em oposição. O objetivo é reiterar que para que uma nova ecologia das máquinas seja possível, é necessário apostar na biodiversidade das máquinas e das culturas. A parte inicia apontando a diferença entre mecanismo e cibernética. Enquanto o primeiro trabalha a partir da causalidade linear, a outra tem a causalidade circular como meio. Na prática, isso quer dizer que a cibernética, cujo pai é Nobert Wiener, inaugura a era das máquinas mobilizadas pelo *feedback* e pela informação que assim analisam o "comportamento de todos os seres, tanto animados (vivos) quanto inanimados (sem vida), mas também natureza e sociedade",

afirma Hui (2020, p. 101). Além disso, o princípio operacional de causalidade circular, fundada no *feedback* e na informação, tem na recursividade um atributo central. Hui (2020, p. 103) explica "A recursão designa, em geral, uma operação não linear que retorna constantemente para si mesma a fim de se conhecer e se determinar". A conclusão é de que as máquinas modernas são máquinas cibernética, pois assimilam o orgânico e o inorgânico, dissolvendo outros dualismos por tabela, tais como máquina e organismo, humano e ambiente, tecnologia e natureza. Portanto, o autor concorda com o veredito de McLuhan, que com o lançamento do foguete Sputnik em 1957 pela União Soviética configurou "um novo ambiente para o planeta" e o lançamento marca o fim da natureza e o começo da ecologia. A Terra é agora passível de monitoramento e adentra em um governo de máquinas espalhadas em tanto na superfície quanto em sua atmosfera.

Hui, no entanto, está convencido que a cibernética, apesar de abolir os dualismos que apartam natureza e cultura, está longe de oferecer saída aos problemas ecológicos atuais e futuros. Ele admite que a crítica de Heidegger à cibernética permanece válida, pois ela é "um chamado à prudência (*phronesis*) e uma advertência para que evitemos ilusões e análises falsas" (HUI, 2020, p. 111). Isso porque a cibernética situa-se ainda no paradigma da modernidade, atua enfraquecendo a localidade e a diversidade ao passo que leva a cabo uma episteme universal e o conceito de progresso, a prova disso é a domesticação dos seres humanos através do curso tecnológico, de que falam Sloterdijk e Foucault. O autor lembra que defender localidade difere de posições de etnocentrismo, nacionalismo, identitarismo, tradicionalismo e, até mesmo, do fascismo. "A biodiversidade é o correlato da tecnodiversidade, uma vez que sem esta só testemunharemos o desaparecimento de espécies diante de uma racionalidade homogênea" e mais adiante conclui que a localidade é "aquilo que nos força a repensar o processo de modernização e de globalização e que nos permite refletir sobre a possibilidade de reposicionar as tecnologias

modernas" (HUI, 2020, p. 123).

O capítulo seguinte, "Variedades da experiência da arte", discorre sobre as diferenças fundamentais entre o Ocidente e Oriente sobre o pensamento e a arte. O ponto defendido pelo autor é a necessidade de levar adiante uma reflexão pós-europeia sobre a arte, partindo do que afirma Heidegger com o "fim da filosofia", isto é, o triunfo do pensamento europeu sobre o mundo. Por isso, o filósofo chinês aposta na fragmentação e na diversificação do pensamento e da arte para contrapor não só esse cenário geopolítico, mas como alicerces da "nova condição de filosofar" em face da tecnologia e cibernética contemporâneas. Hui argumenta, dessa forma, que a lógica trágica grega pautou o pensamento e a arte no Ocidente, enquanto a China jamais cultivou-a e suas práticas intelectuais e artísticas buscavam o *tao* como uma tentativa de sempre transcender o figurativo. O contraste vai além, enquanto o Ser e a forma são categorias-chave para arte europeia, a busca pelo Nada e pelo amorfo substancia a experiência da arte chinesa, como exemplo temos as paisagens do pintor Dong Yuan. *Tao* é, em seu sentido literal, "caminho" e "passagem" para se chegar à grande imagem (*da xiang*). "Se quisermos pintar a grande imagem, deveremos evitar a enunciação e a busca pela exatidão das formas", sugere Hui (2020, p. 147). Buscar o *tao* não é necessariamente desfazer-se por completo da forma, mas admitir seus limites. A fragmentação e a diversificação da nova filosofia seriam os princípios de mediação entre ocidentais e orientais em prol de uma arte que amplie os sentidos, produza e sustente outras formas de conhecimento e que possa redefinir, assim, a realidade tecnológica que temos hoje.

A ruptura epistemológica ocasionada pela cibernética, que ocorreu no século XX com a chegada da recursão, é o tema do sétimo capítulo "Sobre os limites da inteligência artificial". Com ela, deixamos as operações mecânicas em proveito das operações digitais auxiliadas pelo algoritmo e inteligência artificial. Adicionando ao que tinha exposto na terceira parte do livro, as transformações e os efeitos que aconteceram

simultaneamente, na realidade técnica e realidade social, são recolhidos, tais como a alta do desemprego devido à automação e à desvalorização da mão de obra humana. É o que se pode denominar de "paradoxo da inteligência". O intuito é deixar claro que as máquinas contemporâneas, orientadas pela inteligência artificial que torna o mundo quantificável pelo cálculo e ignoram o não racional, seguem sem nenhuma filosofia que as configure eticamente, prevalecendo a acumulação, análise e modelação de dados dos usuários. O que se chama atualmente de inteligência deve ser ampliada para transpor a "pura racionalidade" e passe a considerar o "não racional", como uma "intuição intelectual" digna da tecnodiversidade.

"Cem anos de crise", o capítulo derradeiro, relaciona a nossa cultura monotecnológica à pandemia do novo coronavírus. Enquanto a monotecnologia significa que "países diferentes produzam o mesmo tipo de tecnologia [...] sob marcas diferentes e com atributos ligeiramente diferentes", o caminho da tecnodiversidade é inverso, pois é um preceito que leva adiante uma "multiplicidade de cosmotécnicas que difiram uma das outras em seus valores, epistemologias e formas de existência", afirma Hui (2020, p. 201). A cultura monotecnológica ameaça os outros seres quando ignora a necessidade de coexistência e do limite dos recursos da Terra. A biodiversidade depende da tecnodiversidade, isto é, da criação de "novas redes sociais", "ferramentas colaborativas" e "infraestruturas de instituições digitais" que assegurem uma solidariedade concreta a despeito da lógica imunológica (o paradigma dicotômico de amigo/inimigo) que estabelece as fronteiras dos Estados-Nação.

"Tecnodiversidade" é um esforço de descolocação da tecnologia, elucidando que a técnica e suas respectivas ferramentas são suportes de poder. O leitor deve estar preparado para as camadas densas da argumentação que apontam as tensões entre os sistemas de pensamento tecnológico dos dois hemisférios e suas reverberações na geopolítica mundial. Duas questões fundamentais devem ser esclarecidas, pois po-

dem confundir à primeira vista. Apesar das críticas ao Iluminismo, à modernidade e à globalização, não se trata de uma obra antipensamento europeu e ocidental. Ela reconhece sim os ganhos civilizatórios destes processos e tem como interlocutores fundamentais diversos cânones, como Heidegger, Kant, Hegel e Simondon. De mesmo modo, a localidade exaltada não deve ser compreendida como sinônimo de etnocentrismo, nacionalismo ou fascismo, identitarismo e tradicionalismo. O saber tecnológico local deve ser reestabelecido para sua própria autonomia. O presente trabalho de Yuk Hui, em última análise, oferece às tecnologias modernas um novo marco filosófico, que enxerga na diversidade um futuro plural, inclusivo e diverso, no qual a tecnologia esteja articulada com o cosmos e o homem.

Referências

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

Jadson Maia

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN. Pesquisador do Instituto Nacional de Comunicação Pública da Ciência e Tecnologia, Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Luzia Cristina Lopes Almeida

Mestre e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal, RN, Brasil. Graduada em Comunicação Social – com habilitações em Radialismo e Jornalismo pela mesma instituição de ensino.

Endereço para correspondência

Jadson Maia/ Luzia Cristina Lopes Almeida
Av. Senador Salgado Filho, 2013 a 2233 – lado ímpar
Lagoa Nova
59078000
Natal, RN, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.